



Desconstruindo Una: graphic novel, violência de gênero e resistência

Martha Júlia Martins de Souza¹

RESUMO:

O presente artigo traz uma reflexão sobre questões que envolvam violência contra mulher à luz dos Estudos de Gênero Social e da Análise Crítica do Discurso. Para isso, utiliza-se a graphic novel autobiográfica “Desconstruindo Uma”. No presente trabalho, graphic novel é compreendida como prática social (FAIRCLOUGH, 1989; 2016), uma vez que existe uma relação bidirecional entre os textos produzidos em sociedade e o contexto social e político em seu entorno. Investigar como a linguagem é usada na construção desse objetivo significa desafiar as relações de poder e opressão tão presentes ainda no mundo contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE:

Graphic novel;
Una;
Violência de gênero;
Linguagem;
Prática social;

A autora:

¹ Profa. Adjunta do Curso de Letras Português/Inglês da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Doutora em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: marthajumartins@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1547-827X>

1. INTRODUÇÃO

Na autobiografia “Desconstruindo Una”, vamos acompanhar a vida de Una, da sua infância até a fase adulta. Una é o nome fictício da quadrinista que dá nome ao romance gráfico (*graphic novel*) que narra uma série de violências de gênero perpetradas contra mulheres em um condado britânico entre o final dos anos 1970 e início dos anos 1980. Una é a personagem principal e narradora da história, mas equivale também ao sentimento de união e solidariedade, que deve unir todas as mulheres que sofreram violência de gênero ou não.

Como a própria Una esclarece, trata-se de uma *graphic novel* “para todas as outras”, uma vez que Una, significa uma ou uma de muitas outras vidas. Ao brincar com o significado da palavra Una e o peso semântico que é ser uma de muitas mulheres abusadas, Una traz à narrativa um peso ainda maior, pois entrelaça o enredo ao campo de investigação dos estudos de gênero social – espaço teórico-metodológico fundado com base nas reivindicações de mulheres.

Em “Desconstruindo Una”, assim como nos estudos de gênero social, a análise da problemática da violência contra a mulher é levada à luz da desconstrução da ideia, frequentemente associada aos padrões de masculinidade e feminilidade. É assim, que pela perspectiva dos estudos de gênero se entende que a violência de gênero, ao contrário das outras violências, não se refere a um problema de alteridade e aniquilação do outro. Pelo contrário, a violência contra a mulher diz respeito, principalmente, às desigualdades relacionadas ao sexo, às hierarquias de poder e às desigualdades entre homem e mulher que começam no âmbito familiar e doméstico (BANDEIRA, 2019).

A linha narrativa de “Desconstruindo Una” segue dois eixos principais. O primeiro eixo trata da série de assassinatos cometidos em West Yorkshire na Inglaterra por um homem que só foi preso 30 anos depois do seu primeiro crime. O segundo eixo da narrativa trata da violência física e psicológica pela qual passou a própria protagonista da história, após ser estuprada e sofrer calada por anos seu trauma pessoal. Dessa forma, os dois eixos dividem-se entre: (i) ordem cronológica dos fatos, e (ii) percepção pessoal de Una acerca dos fatos presenciados/sofridos por ela. A trama traz ainda os anos de negligência familiar sofridos pela narradora em decorrência do alcoolismo de sua mãe e os maus-tratos que a mãe sofria. Em outras palavras, a narrativa gira em torno das inúmeras violências perpetradas contra mulheres das mais diversas formas sob o ponto de vista de Una.

O questionamento central da história gira em torno da culpabilização de meninas e mulheres abusadas sexualmente; culpabilização essa advinda das famílias, do sistema judiciário ou da sociedade como um todo, e que serve de baliza para toda a

graphic novel, coadunando-se com o pensamento desenvolvido pelos estudos feministas acerca da condição da mulher no mundo contemporâneo, e que portanto, servirá de mote impulsionador da discussão do presente artigo. Nesse sentido, peças de roupa são elementos importantes da narrativa, porque parte do discurso do senso comum, culpabiliza mulheres que são estupradas por se vestirem de forma a facilitar ou incitar o abuso. Fora isso, xingamentos e ofensas contra mulheres que não se encaixam nos padrões esperados são explorados ao longo da narrativa.

A preocupação central de Una parece ser refutar a ideia de culpa que recai sobre a moral das mulheres. O momento em que a personagem reflete sobre o que é moral questionável é emblemático, pois nos faz perceber a reverberação das relações hierarquizadas entre homens e mulheres. Assim, Una nos diz: “o que é moral questionável? Sair sozinha à noite para beber. Ir ao *pub* sem o marido, ir ao *pub* com o marido, ter um histórico de doença mental?” (UNA, 2018, p. 64).

Ao mesmo tempo que Una contrapõe-se à ideia de que mulheres sejam questionadas permanentemente, ela discorda do pressuposto moral que inocenta homens com base no fato único e exclusivo de serem homens. O repertório de xingamento e agressões não passa despercebido pela protagonista, que tudo absorve e tudo analisa. É interessante observar como Una demonstra não compreender como sua mãe pode ser julgada por ter tido filho antes do casamento (cf. Figura 1).

Figura 1 – A mãe de Una



Una (2018, p. 17)¹

Una demonstra que o julgamento direcionado a sua mãe tem padrões puramente morais, impostos por um pensamento patriarcal previamente acordado por uma lógica sexista e tradicional que regula mulheres, e que não necessariamente reflete mudanças na sua mãe como indivíduo ou cidadã. É importante destacar que o tema desenvolvido na *graphic novel* não se trata de vitimização, como pode parecer ao discurso do senso comum, mas tem o objetivo de “destacar que a expressiva concentração desse tipo de violência se impõe historicamente sobre os corpos femininos e que as relações violentas existem porque as relações assimétricas de poder permeiam o cotidiano das pessoas” (BANDEIRA, 2019, p. 295).

As *graphic novels* ou romances gráficos, como gêneros textuais, são semelhantes às histórias em quadrinhos (HQs), entretanto, são publicadas com mais frequência em formato de livro único; como são histórias fechadas, costumam ser mais longas, com começo, meio e fim, e que por serem impressas em papel de maior qualidade são vendidas no mercado por valores mais altos que as HQs convencionais. Ao contrário das HQs, as *graphic novels* não apresentam publicação periódica e raramente requerem sequências.

Como evento discursivo, é possível ser caracterizada como uma prática social, que possui relação dialética com as instituições e a estrutura social como um todo; é de se esperar que os valores e as crenças difundidos por essas práticas sociais sejam propagados por meio da linguagem – oral, escrita, imagética, de sinais, contribuindo, dessa forma, para formar sistemas de conhecimento e valores carregados ideologicamente – para o bem ou para o mal (FAIRCLOUGH, 1989, 2016).

Uma *graphic novel* que se preocupa em trazer questões ainda não superadas de preconceitos e abusos contra corpos femininos propicia reflexão sobre as condições a que muitas mulheres estão sujeitas ainda hoje, e demonstra como essas mesmas dificuldades precisam ser superadas na sociedade atual. Usar “Desconstruindo Una” como fundo de uma reflexão mais complexa sobre gênero promove aquilo que Potts e Brown (2005) chamam de “pesquisa de resistência”, ou seja, uma forma de intervenção política contra injustiça e opressão, que promove, nesse caso, mudança social através do deslinde da linguagem. O objetivo desse texto não é fazer uma análise da *graphic novel* como peça literária, nem como recurso semiótico, mas utilizar o sistema discursivo de valores e crenças usados em “Desconstruindo Una” como pano de fundo para suscitar uma discussão acerca da violência de gênero perpetrada contra mulheres sob a ótica dos estudos de gênero social.

1 Texto da imagem: Minha mãe, casada, por volta de 1965. Minha mãe, solteira, por volta de 1963. Nenhuma diferença perceptível a não ser o penteado e o anel.

A primeira parte deste artigo traz uma breve introdução que contextualiza “Desconstruindo Una” dentro de uma perspectiva de gênero, como mola propulsora de reflexão sobre o discurso feminista e a violência de gênero na *graphic novel* em questão. A segunda parte estabelece alguns preceitos teóricos da Análise Crítica do Discurso, sob o qual o presente artigo se baseia para desenvolver a relação entre violência de gênero e linguagem. Na terceira parte, é feita uma reflexão sobre violência de gênero trazendo alguns quadrinhos para ilustrar a forma como a temática foi utilizada como fio condutor da narrativa. Na última parte, a pesquisadora traz algumas considerações finais sobre “Desconstruindo Una” à luz dos estudos de gênero social.

2. GRAPHIC NOVEL COMO PRÁTICA SOCIAL DISCURSIVA DE COMBATE À VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Um determinado discurso pode ser representado de várias formas e pode apresentar diversas configurações que são moldadas de acordo com o contexto, localidade e situação em que o texto é produzido. Aspectos como estilo de escrita e organização discursiva e ainda escolhas imagéticas ajudam a compor o discurso. Para Fairclough (2016, p. 159) “os tipos de discurso diferem não somente no modo como eles representam o discurso, mas também nos tipos de discurso que eles representam e nas funções do discurso no texto representador”. Fairclough ainda acredita que fatores como a comoditização e a mercadorização da sociedade, fomentadas pela crescente expansão do capitalismo e do consumo provocam alterações consideráveis na ordem do discurso, gerando inúmeros “dilemas para os produtores e intérpretes de textos que tentam desenvolver formas de acomodar, conter ou subverter a colonização” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 158).

Nesse sentido, desconstruir a personagem Una significa em grande medida desconstruir uma série de estereótipos construídos ao longo de anos acerca da vida de mulheres e que influenciam diretamente na construção da ideia de representatividade que se quer dar às mulheres hoje. Uma *graphic novel* como “Desconstruindo Una” vai aos poucos transformando-se em fator de mudança social, uma vez que questiona a forma tradicional de se fazer quadrinhos – majoritariamente escrito e ilustrado por homens, sobre heróis homens, com narrativas que hipersexualizam mulheres e que naturalizam violência de gênero e agressões.

Conversar sobre e para um grupo tão vulnerável como o de mulheres abusadas sexualmente significa dar visibilidade a um problema que precisa ser tratado com remédio advindo de uma conscientização coletiva, tanto de homens quanto de mulheres, pois “embora nem todos os homens envolvam-se com a violência ou a aproveem, nas

sociedades patriarcais ocidentais contemporâneas o modelo hegemônico, ou dominante, de masculinidade é misógeno e agressivo” (FIGUEIREDO, 2006, p. 209).

Para Fairclough, a mudança da ordem do discurso que vem acontecendo progressivamente está relacionada a três tendências principais: a democratização, a comoditização e a tecnologização do discurso. No presente artigo será observada o aspecto relacionado à democratização do discurso, especialmente no que diz respeito ao acesso a discursos de prestígio e não prestígio e a eliminação daquilo que Fairclough chama de “marcadores explícitos de hierarquia e assimetria de poder” ligados principalmente ao registro formal da língua (FAIRCLOUGH, 2016, p. 260). Nesse sentido, uma *graphic novel*, de linguagem fácil, aliada a ilustração sensível tem um papel preponderante na democratização, formação e conscientização de um público leitor.

Sensível e visceral, “Desconstruindo Una”, propaga a ideia de que a linguagem usada por abusadores, sistema judiciário, familiares e sociedade como um todo é a grande geradora de desigualdades de gênero e, portanto, precisa ser moldada de forma a auxiliar no combate dessas violações contra mulheres. Una entende que o anonimato da internet encoraja abusadores e pessoas misóginas de uma forma geral a continuarem a praticar atos verbais de violência contra mulheres, ao mesmo tempo que propicia a essas mesmas mulheres, em contrapartida, que se organizem contra a violência, a humilhação e a rejeição.

Assim, “a revolução digital é tanto uma solução quanto um problema” (UNA, 2018, p. 117). Em outras palavras, reconhecer a linguagem como o meio viável de luta e combate contra o abuso é tão importante quanto entender que a linguagem é parte da chama que incita tais formas de violência. Para analistas do discurso, combater a linguagem que ofende e humilha é tão importante quanto reconhecê-la. Para Fairclough, a luta permanece, mesmo que democratizar boas práticas discursivas de gênero não seja algo “fácil e universal, as assimetrias de gênero no discurso têm sido desnaturalizadas e problematizadas numa escala significativa” (2016, p. 265).

Estar atento a discursos de violência e de naturalização dessa violência é o primeiro passo efetivo para combater o discurso misógeno e preconceituoso. O segundo passo é opor-se ao discurso de violência e propagar um discurso que promova a igualdade. Fairclough afirma que a intervenção pode assumir várias formas, que vão desde lutar pelo acesso de mulheres a práticas discursivas e locais de prestígio, como reuniões departamentais ou sindicais, até simples intervenções contrárias a escritas violentas e misóginas. É possível também incentivar intervenções masculinas não-agressivas e não-obscenas, indo contra o julgamento do senso comum que pressupõem que homens só podem interagir em práticas discursivas grosseiras e violentas.

Quaisquer intervenções na bolha de discriminação, violência e preconceito sempre geram desconforto e interesse de certos setores conservadores em manter o status quo. Para Fairclough:

As questões de intervenção são como uma lembrança oportuna de que tendências abstratas, como a democratização, são um exemplo resumido de lutas contraditórias, nas quais as intervenções para reestruturar as ordens do discurso podem ser resistidas de várias maneiras e estar sujeitas a várias estratégias de contenção, de modo a preservar hegemonias existentes na esfera do discurso (FAIRCLOUGH, 2016, p. 265).

Interferir nessa bolha significa estar atento ao discurso pernicioso e promover boas práticas de convivência discursiva em sociedade, pois ao mudarmos a linguagem, promovemos mudança social em larga escala, uma vez que a linguagem é parte da sociedade e não um elemento externo a ela. Para Michael Halliday em sua Linguística Sistêmico-Funcional (2004) o texto é ao mesmo tempo unidade de sentido e forma de interação social, ou seja, um texto, (HQs, *graphic novels*, livros, mapas, mensagens de *Whatsapp*) “pode ser analisado em termos de linguagem como sistema (um conjunto de elementos léxico-gramaticais) e como elemento semiótico que reflete processos discursivos e socioculturais ligados a estruturas sociais” (MEURER, 2005, p. 90). Nesse sentido, a Análise Crítica do Discurso de base Faircloughiana enfatiza a necessidade de buscar os elementos textuais que refletem o que acontece na estrutura social implícitos nos textos em sociedade.

Um dos motivos pelos quais os significados das práticas sociais estão constantemente implícitos nos textos deve-se ao que Fairclough chama de naturalização das realidades discursivas, ou seja:

A noção de naturalização é associada à de opacidade. Significa que as “realidades” criadas discursivamente passam a ser percebidas como algo natural, imutável, parte da sua própria natureza. Uma vez que determinada perspectiva se torna naturalizada, torna-se “legítima”, subliminar e de difícil desconstrução. Tome-se, por exemplo, uma percepção machista do homem ou da mulher. Tal percepção responde a significações consideradas “naturais”, corretas, que são “assim mesmo” (MEURER, 2005, p. 91).

Da mesma forma que naturalizar discursos de violência geraria mais discursos de violência, naturalizar discursos de tolerância e respeito geraria mais aceitabilidade e igualdade, seguindo a mesma lógica. Assim, analisar a linguagem da *graphic novel* em questão dando visibilidade ao discurso de empoderamento e amparo para outras mulheres ajuda a entender como as formas de poder e opressão são exercidas no mundo e de que forma podem ser mitigadas e combatidas.

O discurso sexista, ideologicamente carregado, é difundido e aceito em muitas esferas da sociedade porque vem se estabelecendo por anos como discurso moralmente aceito, tanto devido ao fato de nos depararmos, constantemente, com a impunidade frente a crimes de gênero, ou porque os próprios agentes do Estado desrespeitam mulheres com pronunciamentos agressivos e sexistas sem que o Estado e seus agentes sofram quaisquer punições ou repreendas. Nesses casos, a mensagem é clara para a sociedade: toleramos violência de gênero e aceitamos o discurso sexista patriarcal. Para mudar a estrutura social é preciso trabalhar o discurso que a permeia.

Para Fairclough:

Institutional practices which people draw upon without thinking often embody assumptions which directly or indirectly legitimize existing power relations. Practices which appear to be universal and commonsensical can often be shown to originate in the dominant class or the dominant bloc, and to have become naturalized. Where types of practice, and in many cases types of discourse, function in this way to sustain unequal power relations, I shall say they are functioning ideologically” (FAIRCLOUGH, 1989, p. 33).²

O autor é ainda categórico ao dizer que opressão e poder são legitimados através da coerção ou do consentimento; e o consentimento é em grande parte fruto dos discursos preconceituosos e discriminatórios que a sociedade não rechaça, não combate, mas acata. A forma mais eficaz de governar sem coerção é via consentimento, através da propagação de ideologia, e o discurso tem papel fundamental nessa empreitada. O embate entre as forças ideológicas que propagam e são favoráveis à violência de gênero travam verdadeiras batalhas, ao que se chama de relação de poder.

Tais relações, nos alerta Fairclough, não são reduzidas a questões econômicas, de classe social, como podem pensar alguns, mas enveredam por outros segmentos, tais como relações de poder entre grupos étnicos diferentes, entre países economicamente diferentes, entre pessoas mais velhas e mais novas, entre instituições diferentes ou entre homens e mulheres. É importante frisar que essa relação é sempre uma relação de luta, opressão e hierarquias (FAIRCLOUGH, 1989).

Além do objetivo primordial de desnudar as injustiças que penetram o discurso, o analista do discurso deve estar atento ao seu compromisso social de escolher fazer pesquisa com o intuito político e explícito de combater injustiças sociais que menosprezam determinados grupos da sociedade, tais como o combate à violência de gê-

² “Práticas institucionais nas quais as pessoas se baseiam sem pensar frequentemente incorporam suposições que legitimam direta ou indiretamente as relações de poder existentes. Práticas que parecem ser universais e de senso comum poder ter com frequência origem na classe dominante ou bloco dominante e ter se naturalizado. Onde tipos de prática e, em muitos casos, tipos de discurso, funcionam dessa forma para sustentar relações desiguais de poder, digo que elas funcionam ideologicamente” (tradução minha)

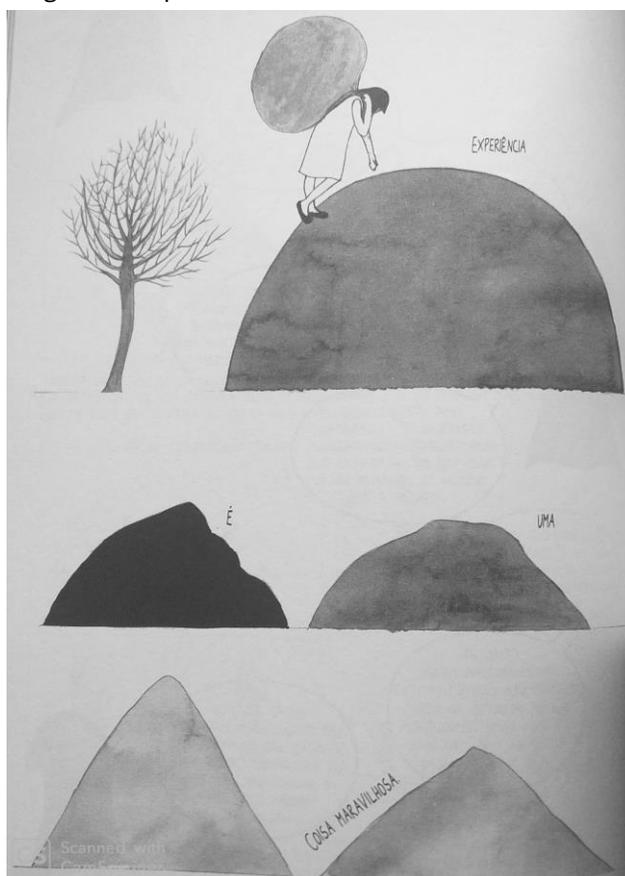
nero. Usar ferramentas que empoderam mulheres e propagam um discurso carregado ideologicamente de representatividade pode ser fundamental na formação de jovens leitores, alunos universitários e acadêmicos, entrelaçando questões de gênero e dando voz a uma dor coletiva e real. Escolher analisar a presente *graphic novel* significa escolher fazer pesquisa de caráter anti-opressivo, ou seja, significa “escolher fazer pesquisa e apoiar pesquisa que desafia o status quo em seus processos, bem como seus resultados. Busca resistir a opressão penetrada em nós mesmos, nosso trabalho, nosso mundo” (tradução minha)³

3. “EU NÃO SOU VADIA”: CULPABILIZAÇÃO E VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Quando Una fala de seu processo de amadurecimento, é possível observar que seu conhecimento sobre questões de gênero não surgiu de um vácuo, mas fazem parte de um processo de autoconhecimento que se liga à personagem por meio das interações sociais e sua vida em sociedade. Em outras palavras, Una compreendeu que o conhecimento e a experiência ao longo dos anos a libertou (cf. Figura 2). A autora usa a *graphic novel* para informar outras mulheres sobre o que é violência de gênero e sobre como esse conhecimento é libertador. Para ela: “a experiência é uma coisa maravilhosa” (UNA, 2018, p. 46).

³ “Choosing to do research and support research that challenges the status quo in its processes as well as its outcomes. Its seeks to resist oppression embedded in ourselves, our work, and our world” (POTTS; BROWN, 2005, p. 260).

Figura 2 – Experiência é uma coisa maravilhosa



Una (2018, p. 46)⁴

Após entender o que era violência de gênero e como isso atinge mulheres das mais variadas formas é que a personagem percebeu a importância de lidar com o discurso, com os xingamentos e com as agressões verbais que a incapacitavam. Nesse sentido, Una nos diz: “as vezes não vemos a floresta como um todo porque nos focamos nas árvores” (Una, 2018, p. 156). Una é sempre retratada como alguém que carrega o peso das emoções e que caminha com dificuldade nas colinas da vida, que representam metaforicamente a dificuldade de locomoção, de subida mediante uma carga emocional tão difícil de carregar. Após transpôr as barreiras do trauma e do preconceito é que se torna possível visualizar a floresta, as árvores, como produto final dessa jornada (cf. Figura 2).

Una, assim como muitas mulheres da vida real, demora a perceber os sinais de violência. Sua “relação” especial com seu agressor não era de afeto, mas de abuso. A demora em compreender está relacionada ao fato de a protagonista não manter um canal de diálogo com sua família, não ter vivência e experiência suficientes para ab-

⁴ Texto da Imagem: Experiência é uma coisa maravilhosa.

sover tudo o que acontecia e por não ter canais oficiais e seguros de apoio a mulheres que sofrem violência. A solidão imposta àquelas que sofrem abuso, conclui Una, cobra um preço na vida emocional das mulheres. Nesse sentido, Bandeira nos diz que “as relações interpessoais de convivência nos locais privados e familiares são o lugar propício para a instalação e a potencialização da violência contra a mulher” (BANDEIRA, 2019, p. 303), uma vez que são cimentadas por camadas de naturalização das relações de opressão e poder.

Mais que isso, “o incidente com Damian foi completamente enterrado” (UNA, 2018, p. 25). Damian, seu abusador, sai ileso na narrativa e na vida real. Presa em emoções, carregada em forma de bagagem, Una cala-se diante de episódios cotidianos de violência. É possível ver que seu silêncio tem a conivência e incentivo de sua mãe (cf. Figura 3), que representa um desejo coletivo da sociedade em silenciar mulheres vítimas de violência de gênero. O conformismo da situação está expresso em “era apenas o modo como as coisas eram”. A banalidade da cena contrasta com o peso das emoções de Una representadas nas colinas e na bagagem emocional que a personagem parece sempre carregar.

Figura 3 – Incidente enterrado



Una (2018, p. 25)⁵

Como nos diz Figueiredo (2006, p. 201), especialista em linguagem e estudos de gênero, “o estupro ainda é um crime cercado por uma aura de sigilo, provavelmente por envolver, do ponto de vista da vítima, sentimentos como vergonha, culpa, medo e dor (medo do tratamento policial e jurídico, da exposição pública, da perda da reputação e do status social”. Isso é comprovado pela própria Una que não apenas custa a entender sua própria vulnerabilidade, como precisa lidar com a completa indiferença perante o ocorrido. A dificuldade em lidar com as próprias emoções fica claro quando diz que: “as palavras me faltavam. Elas não eram um problema para os outros”. (UNA, 2018, p. 79).

Una percebe que os xingamentos eram incessantes e os julgamentos sempre precipitados – tanto do sistema policial que acreditava que as mulheres vítimas do Estripador de West Yorkshire eram prostitutas, quanto da sociedade que proferia uma série de julgamento contra mulheres abusadas sexualmente. A consequência disso é que Una tornou-se “uma testemunha não confiável e uma vítima perfeita” (UNA, 2018, p. 82).

É interessante mencionar que no mesmo período em que a história se passa, em 1975, aconteceu a I Conferência Internacional da Mulher, no México, da Organização das Nações Unidas (ONU) que declarou que os próximos dez anos após a Conferência seria a década dedicada à mulher. Ironicamente, nos anos seguintes, mais vítimas do Estripador de West Yorkshire surgiram em claro desalinho entre as políticas mundiais de proteção a mulheres e o que acontecia realmente no cotidiano dos países. Mesmo falando de um país do Norte Global (SANTOS, 2018), como a Inglaterra, é importante notar que a desigualdade e a violência de gênero são problemas de escala mundial, uma vez que dizem respeito a hierarquias de poder e questões do sexo, atingindo assim mulheres em contextos variados.

Conforme mencionado, a história de Una segue duas linhas de narrativa: a primeira, que traz os acontecimentos em sequência temporal linear mostrando os fatos à medida que eles iam acontecendo; e a segunda, que traz as emoções, as reflexões e as análises de Una decorrentes desse período cronológico exposto no *graphic novel*. Toda a narrativa mostra que não apenas os corpos de mulheres e meninas são punidos com base em um código implícito de moralidade que determina como mulheres e meninas devem se comportar, se vestir, se relacionar com seus próprios corpos e

5 Texto da Imagem: A vida continuou. O incidente com Damian foi completamente enterrado. Tentei ser uma boa garota. Era apenas o modo como as coisas eram.

com sua contraparte masculina, mas também ignora completamente a responsabilidade dos homens que punem os corpos femininos, criando regras de moralidade que só beneficiam a eles. A culpabilização da vítima pelo ponto de vista dos estudos de gênero social está relacionada à relação de poder e controle dos corpos de mulheres pela contraparte masculina. Para Figueiredo:

Ao dizer que o estupro é um ato de abuso de poder não estou afirmando que não haja um elemento sexual neste crime. O que quero dizer é que a conotação sexual dos crimes sexuais é distinta da noção de sexo compartilhada pela maioria de nós. Pensadoras e pesquisadoras feministas concordam que no núcleo do estupro estão a violência e o desejo de dominação (...). Se pudéssemos apontar a gênese das agressões sexuais, ela provavelmente estaria na existência de posições desiguais de poder entre as pessoas (homens e mulheres, adultos e crianças, negros e brancos, ricos e pobres, etc. (FIGUEIREDO, 2006, p. 205-206).

O mesmo controle que requer dominação dos corpos femininos, impõe sanções a esses mesmos corpos, para que eles sejam punidos caso não sigam os padrões comportamentais impostos. O castigo das meninas que não se comportam bem, que não se vestem bem, que saem para beber nos pubs, que possuem vida sexual ativa, conforme descreve a própria Una é o abuso. No fim das contas, constrói-se a narrativa de que nada de mau acontece com meninas boas, que se comportam bem, de acordo com o que é moralmente aceito por essa sociedade. Basta retornarmos à fala de Una na Figura 3, - “tentei ser uma boa garota” (UNA, 2018, p. 25) – para entendermos que os conceitos bom e ruim são banalizados em contextos de violência.

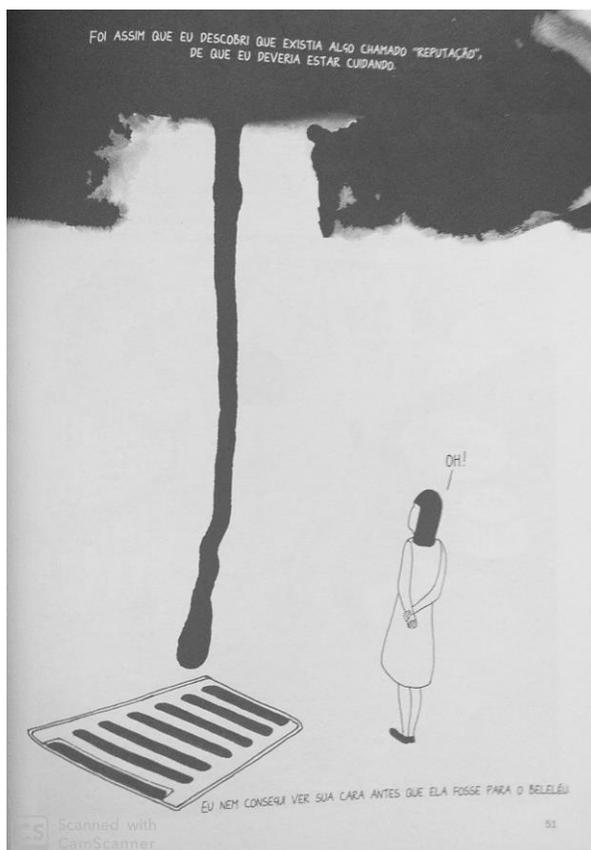
Em “Desconstruindo Una” fica claro que o julgamento de meninas começa desde cedo – “uma vez, na aula fiz um desenho de um garoto de quem eu gostava. O professor gostou e colocou em exibição no corredor (...). Eu fiquei tão envergonhada!” (UNA, 2018, p. 27). Além de ser alvo de risadas, Una foi ignorada pelo menino alvo de seu encantamento. Demonstrar desejo ou tomar a iniciativa é tido como comportamento inadequado para meninas, mesmo para adolescentes em idade de relacionar-se com o outro.

A culpabilização do ser feminino vai além do julgamento cotidiano das relações interpessoais entre meninos e meninas, homens e mulheres, mas também alcança o âmbito jurídico. Para Figueiredo (2006, p. 207) “algumas pesquisadoras na área da criminologia feministas acreditam que o discurso jurídico constrói o corpo feminino como doente, histérico e imoral”. Em outras palavras, existe toda uma construção identitária que espera uma configuração específica do comportamento feminino, seja no âmbito familiar, profissional, jurídico, religioso. E essa expectativa serve às exigências do patriarcado à medida que cria normas para corpos femininos.

Pensar o corpo feminino a partir desse código patriarcal traz para a *graphic novel* algumas reflexões bastante pertinentes; a primeira delas está ligada à reputação de Una. Ao perceber que era culpada de algo que ela mesma não havia pedido para acontecer, Una começa a entender a ideia de reputação e como isso afeta direta e exclusivamente sua própria vida e a vida de outras mulheres. A construção identitária feminina em torno da reputação foge ao seu controle, pois a reputação não é algo construído exclusivamente pela própria mulher; é algo que depende de fatores externos, que fogem ao controle da própria mulher.

Una percebe que a reputação de uma mulher é fabricada com base em valores sexistas decidido por um grupo dominante. Além disso, existe um repertório linguístico construído ao longo dos anos que serve ao propósito de culpabilizar, macular, desacreditar e humilhar a figura da mulher. Na Figura 4, Una descobre que deveria cuidar de algo chamado reputação; algo que ela nem bem conhecia e já tinha perdido. É bastante emblemático que a reputação de Una seja representada por uma fumaça escura que paira sobre a cabeça da personagem e que vai aos poucos deslizando pelo ralo frente a uma Una perplexa.

Figura 4 - Reputação



Una (2018, p. 51)⁶

Ademais, existe um certo esforço na *graphic novel* de demonstrar que as aparências enganam, que os padrões comportamentais são socialmente construídos, que os xingamentos proferidos a mulheres não mudam em nada a personalidade daquelas mulheres, ou seja, chamar uma mulher de vadia, como vemos na *graphic novel*, não a transformará imediatamente em uma, embora vá causar danos psicológicos irreversíveis nessa mulher, uma vez que serve ao propósito de diminuir, rechaçar e ofender.

É importante ainda frisar que todo o preconceito começa no discurso, é proferido através do discurso e volta para a sociedade através dele.

Como nos diz Figueiredo:

No contexto do estupro, por exemplo, a socióloga Diana Scully (1990) investigou o “vocabulário” de motivos apresentado por estupradores condenados, isto é, os recursos linguísticos utilizados por estupradores para interpretar, explicar seus atos e torná-los social e culturalmente aceitáveis (...). Scully identificou dois tipos de agressores: os que admitiam e os que negavam o ato. Os que admitiam lançavam mão de diferentes desculpas numa tentativa de explicar porque, embora seu comportamento pudesse ser definido como “estupro”, eles não eram estupradores. Os que negavam, por outro lado, admitiam que o estupro é geralmente inaceitável, mas que argumentavam que, em seus casos particulares, existiam justificativas que tornavam seu comportamento apropriado, até mesmo correto (...). Scully concluiu que o domínio de um certo vocabulário parece ser essencial para que um homem aprenda a aceitar, justificar e realizar um estupro (FIGUEIREDO, 2006, p. 209).

Aparentemente vivemos sob um véu de igualdade de gênero e proteção da mulher. Esse véu é falso, uma vez que ainda é possível quantificar violência contra mulheres, que se escondem sob diversos pretextos, mas na verdade parte dos mesmos pressupostos sexistas que julgam a moral feminina organizando-se em torno dos mesmos padrões de masculinidade e feminilidade patriarcais tradicionais (BANDEIRA, 2019).

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como narrado por Una, poucas mulheres denunciam os casos de abusos sofridos. Isso acontece em grande medida devido ao medo de julgamento e ao senti-

⁶ Texto da Imagem: Foi assim que eu descobri que existia algo chamado “reputação”, de que eu deveria estar cuidando. Eu nem consegui ver sua cara antes que ela fosse para o bebelê.

mento de impunidade e de descrédito nas autoridades competentes. Ao fazer a denúncia, as vítimas passam a representar papéis sociais nem sempre desejados pelas vítimas, fruto da construção de uma identidade que culpabiliza mulheres e inocenta homens. Liebes-Plesner (1984 apud FIGUEREDO, 2006) nos diz que os estereótipos comportamentais (sexuais e sociais) de mulheres, relativos aos casos de estupro, podem ser comparados a histórias de mitos e contos populares, uma vez que carregam entre eles bem mais um tom moralizante com um fundo de aprendizado e lição para a sociedade do que uma solução concreta para os casos de abuso.

Além disso, para que se garanta a mudança efetiva do discurso na sociedade é preciso redefinir e reconstruir ideias discursivas sobre os indivíduos. Só assim, garante Fairclough, será possível alcançar mudança social e cultural, pois é dessa forma que “as sociedades categorizam e constroem identidades para seus membros” (...) e é dessa forma ainda que “as relações de poder são impostas e exercidas, como as sociedades são reproduzidas e modificadas” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 218).

Mais que isso, trabalhar em prol da mudança discursiva requer democratizar o discurso, aquilo que Fairclough entende como “retirada de desigualdades e assimetrias dos direitos, das obrigações e do prestígio discursivo e linguístico dos grupos de pessoas” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 258). Nesse caminho, tanto “Desconstruindo Una”, com seu discurso de empoderamento e alerta para outras mulheres, fortalece a construção identitária discursiva mais igualitária para mulheres promovendo a redução de violência de gênero quanto também o próprio gênero textual *graphic novel* tem função primordial de conscientização como meio mais acessível de divulgação dos preceitos de estudos de gênero social e de combate a violências de gênero.

Como sugere Potts e Brown (2005, p. 261) “Reconhecer que o conhecimento é socialmente construído significa entender que o conhecimento não existe “lá fora”, mas que está embutido nas pessoas e nas relações de poder entre elas”⁷, ou seja, “Desconstruir Una” e desconstruir relações de gênero desiguais fortalece o entendimento de que quanto mais conhecimento sobre o que é gênero social, o que é feminismo e como essas relações favorecem a promoção da igualdade na sociedade, mais caminharemos rumo às efetivas mudanças da sociedade.

⁷ “Recognizing that knowledge is socially constructed means understanding that knowledge doesn't exist “out there” but is embedded in people and the power relations between us”

Referências

- BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. In: **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org). Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2019. p. 293-313.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.
- FAIRCLOUGH, N. **Language and power**. Essex: Longman Group, 1989.
- FIGUEIREDO, Débora de Carvalho. Os discursos públicos sobre o estupro e a construção social de identidades de gênero. In: **Linguagem e Gênero: no trabalho, na mídia e em outros contextos**. HERBERLE, Viviane; OSTERMANN, Ana Cristina; FIGUEIREDO, Débora de Carvalho (org). Florianópolis: Editora da UFSC, 2006. p.199-215.
- HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. (2004). **An Introduction to Functional Grammar**, 3. ed. London: Edward Arnold.
- MEURER, J.L. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. IN: **Gêneros: teorias, métodos, debates**. MEURER, J.L; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (org). São Paulo: Editora Parábola, 2005.
- POTTS, Karen; BROWN, Leslie. Becoming an Anti-Oppressive Researcher. In: **Research as Resistance: Critical, Indigenous, and Anti-Oppressive Approaches**. BROWN, Leslie; Strega, Susan. (Org). Toronto: Women's press, 2005. p.255 – 286.
- SANTOS, Boaventura de Sousa [et al.]. **Epistemologías del Sur**; Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Coimbra: Centro de Estudos Sociais - CES, 2018.
- UNA. **Desconstruindo Una**. Tradução Carol Christo. São Paulo: Nemo, 2018.



Becoming unbecoming: graphic novel, gender violence and resistance

ABSTRACT:

“Becoming Unbecoming” is an autobiographical graphic novel about Una – from childhood until adult-hood. Una suffered gender violence during her youth and struggled to overcome trauma and raise her own family. Nowadays she is using her art to raise awareness about gender-based violence. At the present work, graphic novel is understood as social practice (FAIRCLOUGH, 1989; 2016) since there is a two-way relationship between the texts produced in society and the social and political context in its surrounding. In this sense, the graphic novel under analysis creates, reinforces and spreads an important awareness discourse on gender violence and its naturalization, physical and subjective forms of violence and blaming of the victim, topics relevant to feminist studies even today. In this sense, the present work reflects upon matters related to gender violence under the perspective of Gender Studies and Critical Discourse Analysis. Investigating how language is used in the construction of this goal means challenging power and oppression relations still present in the contemporary world.

KEYWORDS:

Graphic novel;
Uma;
Gender-based violence;
language;
Social practice;